Pequenos templos, grandes devoções: alminhas e cruzeiros no concelho de Lousada

SARA VIEIRA[1]

1 Mestre em História da Arte, Património e Cultura Visual pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a importância de valorizar e proteger uma parte do património que a paisagem nos testemunha como sensível, de forma a contribuir para o seu reconhecimento.
As alminhas e os cruzeiros revelam, ainda hoje, um papel social considerável junto das comunidades. Através da inventariação sistematizada e integrada destes elementos no território é possível criar uma reflexão debruçada sobre o sentido deste edificado, bem como do seu valor patrimonial. Este património religioso expande-se a questões que vão desde a sua análise artística e valor arquitetónico àquilo a que podemos considerar como parte fundamental do valor identitário local. Estas estruturas representam, *per se*, um verdadeiro documento histórico da arquitetura vernacular que, na sua maioria, suscita a afeição e o orgulho das comunidades que dele fazem parte.

PALAVRAS-CHAVE
Alminhas; cruzeiros; religioso; território; inventariação.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the importance of valuing and protecting a part of the heritage that the landscape witnesses to us as sensitive, in order to contribute to its recognition.
Souls and crosses still reveal today a considerable social role in the communities. Through the systematic and integrated inventory of these elements in the territory it is possible to create a reflection on the meaning of this building, as well as its heritage value. This religious heritage expands to issues ranging from its artistic analysis and architectural value, to what we can consider as a fundamental part of the local identity value. These structures per se represent a true historical document of vernacular architecture, which in its majority and significance arouses the affection and pride of the communities of which they are part.

KEYWORDS
Wayside shrine; crosses; religious; territory; inventorying.

1. Introdução

Alminhas e cruzeiros são elementos notavelmente caracterizadores do património lousadense, assim como os caminhos e as vivências a que este património nos conduz. Atravessando séculos, e estando naturalmente influenciadas pelas motivações e devoções das várias épocas, é essencialmente no século XVIII que se difunde a presença destas estruturas um pouco por todo o concelho e pelo País.

Para o título elegemos uma expressão contraposta que salienta a condição inobservada da grande maioria destas estruturas, comparativamente com o amplo valor das práticas vivenciais e devocionais que em si congregam.

No que diz respeito ao tratamento destas tipologias, inseridas na vasta categoria do património religioso, como as igrejas, capelas ou ermidas, as alminhas e cruzeiros são, sem dúvida, a parte do edificado mais obliterado pela historiografia artística. Foi neste ponto, num momento inaugural, que se concluiu que, para conhecer e valorizar o que se tem, dever-se-ia proceder a um processo de inventariação sistematizado. Em 2018, iniciámos o percurso da inventariação das alminhas e cruzeiros, originando uma dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob o título *Alminhas e Cruzeiros – Uma experiência de inventário em Lousada*. O nosso objeto de estudo rapidamente revelou raízes profundas e ainda latentes de um património material e imaterial convalescente e quase sucumbido pela modernização e pelo avanço de novos preceitos.

Motivado essencialmente pela escassez de estudos e de reflexões respeitantes a este património, o presente documento refere-se a uma caracterização de raiz histórica e arquitetónica, bem como ao processo do referido inventário das alminhas e cruzeiros, procurando traçar uma visão panorâmica e alargada deste extraordinário legado no concelho. Do mesmo modo, o referido artigo serviu-se do suporte da historiografia existente, bem como do processo de inventariação levado a cabo pelo Gabinete de Património e Arqueologia do Município de Lousada, que se configurou entre outubro de 2018 e fevereiro de 2019.

Importa ressalvar que o processo de estudo e inventariação contemplou um vasto processo de recolha, análise, síntese de conhecimentos teóricos e de conhecimentos práticos sobre a experiência de inventariação do património arquitetónico religioso. Outrossim, o trabalho de registo e sistematização elaborado não se tratou de uma proposta nova, no sentido em que, até ao momento, já tinham sido desenvolvidos inúmeros inventários a nível nacional. Não obstante, perante os inventários existentes, quer inventários de património religioso, quer inventários de património artístico e ainda outros de património arqueológico, verificou-se a escassez de informações consideradas relevantes, particularmente para as tipologias de património que nos propusemos inventariar. Possibilitando um avanço substancioso, o estudo e a inventariação realizados não devem, de forma alguma, encerrar-se em si mesmos, pois a realização de um inventário completo e terminado deve ser assumida como uma circunstância utópica. Um inventário de arte findado é tanto inaceitável como inexequível, dada a necessidade da sua constante atualização e revisão. Para além disso, o

trabalho de inventariação realizado deve, acima de tudo, ser interpretado como um acionador de um processo sem fim, em constante desenvolvimento e mutação, com a possibilidade de ser progressivamente ampliado e melhorado.

Pretende-se ainda ressalvar que, para este momento, e dado o limite de exposição de conteúdos, não foi possível apresentar todos os resultados do estudo e inventariação ainda vigentes.

2. O contributo da análise semântica e etimológica para a compreensão do objeto

No presente ensaio, para uma melhor perceção dos objetos estudados e inventariados, primeiramente, devemos começar por apresentar uma descrição abrangente deste património.

Podemos definir alminhas como uma tipologia de edificado de teor marcadamente religioso, associado a locais de difícil transposição e passagem. As alminhas estão, tendencialmente, localizadas nas bermas das estradas ou de caminhos de suma importância na cronologia da sua implantação. Apresentam painéis ou apenas uma cruz para pedir aos que passam uma oração pelas almas do Purgatório ou por um santo que lhes possa garantir proteção, obtida por meio de orações em seu favor.

No *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura* as alminhas são definidas como uma corrente artística de fácil acesso e compreensão, "expressão artística que se pode classificar como naïf" (Silva e Calado, 2005, p. 24). Concomitantemente, em alguns casos, notámos alguma elaboração na técnica e no traço arquitetónico, exibindo um determinado grau de erudição na morfologia de alguns dos exemplares inventariados. Relativamente aos cruzeiros, inserem-se igualmente na classificação de património religioso e constituem-se, normalmente, por uma "grande cruz de pedra ou madeira levantada no adro da igreja, praça, cemitério, rua ou caminho, sendo que normalmente a cruz que os compõe é latina" (Silva e Calado, 2005, p. 119).

A questão etimológica, que não tem sido explorada na generalidade da produção científica dedicada a estas temáticas, merece também aqui um exame mais atento. A introdução da palavra "alminhas", na sua versão plural, no léxico português, terá acontecido no ano de 1798. Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, a palavra "alminhas" tem origem na palavra "alma", que por sua vez decorre do latim *anima* (Houaiss e Salles, 2002, p. 210). "Alminhas", termo popular, deriva da forma da palavra "alma". No entanto, o termo adquiriu um significado distinto, a notar-se a evolução para o plural e a sua referência a um elemento físico que passou a integrar a paisagem. O *Dicionário da Língua Portuguesa*, *Ortoépico*, *Ortográfico*, *Etimológico e Arcaico* apresenta uma definição para a palavra "alma" e associa-a às almas do Purgatório: "[…] (Lat. Anima), […] alma penada: alma condenada às penas do Purgatório e que vagueia na terra com forma humana; […]" (Silva, 1945, p. 73). Por

Figura 1 Alminhas da Boucinha (Meinedo, Lousada) (Vieira, 2020a).

sua vez, para a palavra "alminhas", o mesmo dicionário apresenta a breve definição: "[…] Painel que representa as almas do Purgatório." (Silva, 1945, p. 74).

José Pedro Machado, no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, não introduz qualquer definição à palavra, nem no singular, nem no plural; apenas apresenta uma breve referência para a palavra "almilha", referindo a sua provável proveniência do castelhano: "almilha, s. Virá do cast. Almilla, de alma? […]" (Machado, 1981, p. 207). Será a partir da palavra castelhana "almilla" e da fonética a ela associada, que a palavra evolui para o diminutivo português "alminha"? E a flexão gramatical da palavra para o plural?

Consideramos que a evolução do termo para o plural poderá estar relacionada com as representações iconográficas, uma vez que, na generalidade, são numerosas as figuras entre o fogo do Purgatório, resultando, assim, numa contribuição para uma interpretação prática e quantitativa. Uma outra hipótese poderá relacionar-se com a influência de um período de forte difusão e enraizamento das estruturas pelos caminhos, em articulação com o elemento devocional, como refere Jorge Ventura: "Nos começos do século XVII, por acção das autoridades eclesiásticas, as almas do Purgatório tomam grande amplitude enraizando-se na piedade cristã das comunidades religiosas alcançando verdadeira dimensão popular" (Ventura, 2004, p. 22).

Apesar de considerarmos a invocação exibida nas alminhas como variável, a uniformidade figurativa e a estrutura iconográfica é praticamente análoga, exibindo uma apresentação temática quase sempre similar e, desta forma, contribuindo para a permanência do vocábulo "alminhas" junto da comunidade até à contemporaneidade.

3. Morfologia das estruturas

De acordo com a opinião de Jorge Torres (2020, p. 9), as cruzes são elementos frequentes nas alminhas, que tanto podem estar colocadas no topo do monumento, como esculpidas na superfície, geralmente em alto-relevo, ou então através de inscrições, apelando a orações dos viandantes. A cruz, "figura constituída por dois braços cruzados e que na iconografia cristã representa o instrumento de suplício em que Jesus foi sacrificado […]" (Silva e Calado, 2005, p. 119), pode assumir a forma de um elemento sobreposto ou apenas estar traçada em relevo na parte superior do bloco. Nesse nicho, "cavidade quadrada ou semi-circular feita na espessura de um muro para abrigar uma estátua, busto, vaso decorativo

Figura 2 Alminhas das Cales (Meinedo, Lousada) (Vieira, 2020d).

Figura 3 Alminhas das Cales (Meinedo, Lousada). Representação tridimensional (Coelho, 2020a).

[…]" (Silva e Calado, 2005, p. 256), comummente é colocada uma representação das almas do Purgatório ou de um santo.

Para Jorge Ventura, as alminhas nem sempre se apresentaram em forma de nicho. Em cronologias mais recuadas, que acercam o século XVII, seriam essencialmente constituídas por uma tábua de madeira: "As primeiras tabuinhas, óleos sobre madeira, surgiram dependuradas nas paredes em lugares públicos. O seu desaparecimento foi inevitável levando a que as mesmas tivessem de ser abrigadas num nicho muitas vezes atrás de fortes grades de ferro." (Ventura, 2004, p. 22).

Atualmente, a variedade relativamente à sua composição é ampla, não sendo possível definir um modelo comum a todas elas. Assim, de um modo geral, as estruturas apresentam a parte inferior em forma de pedestal, sendo que este pode mesmo não existir, estando o nicho encastrado ou parcialmente inserido num muro ou numa parede. Contudo, há um elemento que é comum a todas elas, o nicho. Dentro do nicho, em casos mais raros, a representação pode ser pintada diretamente na pedra; noutros exemplares, o suporte utilizado será a madeira, material perene afetado pelas intempéries e também pela ação inadequada do Homem. Um outro suporte utilizado é o azulejo, sendo este o material mais frequente e que garante uma maior resistência à ação dos fatores climatéricos.

Sintetizando, as alminhas são constituídas tendencialmente por um bloco de forma paralelepipédica com nicho incorporado, decorado no seu interior, podendo apresentar uma ampla variedade de composições e aspetos, permitidos pela sua dimensão e material pétreo, tais como recortes, molduras e/ou outros elementos, sendo que um exemplar mais comum será composto essencialmente por cruz, nicho, apoio e soco.

Figura 4 Cruzeiro da Oitava (Pias, Lousada) (Vieira, 2020f).

Figura 5 Cruzeiro da Oitava (Pias, Lousada). Representação tridimensional. Vista frontal (Coelho, 2020b).

A cruz é, ainda assim, um elemento indispensável, que torna inquestionável o caráter do objeto associado ao culto religioso, apresentando-se a rematar a estrutura ou integrada no corpo principal, em baixo ou alto-relevo. A cruz latina é o formato mais comum nos elementos inventariados, sendo composta por braços retilíneos ou por braços com extremidades trilobadas. Embora possam existir algumas variantes, no caso do território de Lousada, estes dois formatos são os mais frequentes. A cruz encima quase sempre a estrutura, a não ser que a própria cruz esteja insculpida no corpo principal.

O elemento mais comum é, como já referimos, o nicho. Entende-se por nicho o espaço que recebe a imagem devocional (escultura ou pintura). Todos os outros elementos do conjunto são mutáveis. Todavia, a edícula é um elemento transversal, o qual será passível de considerar como o mais identificativo deste edificado, podendo variar conforme as suas dimensões, formato e profundidade.

O soco trata-se de um elemento junto ao solo, situado na parte mais inferior da composição, normalmente mais largo do que alto, sendo que as alminhas podem simplesmente estar apoiadas ou totalmente encastradas num muro. Segundo Margarida Calado e Jorge Silva, o soco é uma "base quadrada, lisa ou moldurada, que serve de suporte a uma coluna, a uma estátua, a um busto ou a um vaso" (Calado e Silva, 2015, p. 336). O termo é frequentemente usado como sinónimo de pedestal, embora designe propriamente o ressalto da base de um pedestal – o plinto.

4. Breve contextualização histórica

O culto das almas, enquanto devoção popular, pode não ser entendido somente como um fenómeno religioso, e esse facto tem vindo a dividir opiniões entre investigadores e estudiosos. Este edificado, testemunho e registo vivo de determinada comunidade, documenta também alguma flexibilidade no que diz respeito à mente e comportamento individual dos crentes, originando diferentes utilizações e interpretações culturais. Desde logo, deve destacar-se o número considerável de estruturas que apresenta imagens de pendor satírico ou crítico. Algumas das composições exibem representações que privilegiam certos protagonistas como reis, clérigos, papas, entre outros, todos a sofrerem as penas das chamas infernais. As cenas de teor marcadamente catequético exibem figuras celestiais resgatando em gestos de penitência e súplica: "a imagem dos mortos do Purgatório em oração sendo precisamente aquela que os artistas do fim da Idade Média escolherão para distinguir o Purgatório do Inferno […], a certeza da salvação deve materializar-se em orações, ser testemunhada e apressada por elas" (Goff, 1995, p. 414).

O procedimento para a obtenção da limpeza espiritual através da "caridade", em troca de vantagens ou regalias espirituais, terá sido, na sua génese, estudado e pensado pelos

Figura 6 Igreja de Lustosa. Retábulo das almas (pormenor) (Lustosa, Lousada) (Vieira, 2020i).

filósofos e chefes da Igreja (Rodrigues, 2010, p. 28). Esta hipótese, relacionada com a composição iconográfica dos painéis, acaba por delinear a hipótese de uma génese mais erudita do que propriamente de tradição vernacular.

Nos nossos dias, a "catequização" do Purgatório está ainda muito presente. Podemos constatá-la diariamente em múltiplos gestos do quotidiano que remontam à época medieval, mas também moderna, que a própria Igreja difundiu. De acordo com Maria Lopes:

> "[…] ainda podemos ver os gestos do Purgatório. Em comunidades onde os efeitos da secularização se fizeram sentir com menos intensidade, a população ainda pára ao som diário do toque dos sinos juntando as mãos para orar pelas almas. Os gestos diários de religiosidade permanecem no geral contritos: baixar a cabeça, unir as mãos em oração, ajoelhar, são movimentos disseminados por todas as práticas religiosas, que em muito ultrapassam a devoção interior." (Lopes, 2015, p. 194).

Em períodos de questionamento acerca da legitimidade de alguns dogmas da própria Igreja, estes pequenos monumentos revelaram-se úteis e necessários, como verdadeiros instrumentos de doutrinação.

Neste sentido, a Reforma Católica desencadeada após o Concílio de Trento (1545-1563) veio estabelecer determinadas regras a nível iconográfico, que resultaram numa maior uniformização da temática representada. Há nomes de pintores nacionais indissociáveis da representação deste tema, como é o caso do "pintor santo" Luís Alvares de Andrade. O contributo deixado no *Agiológio Lusitano* pelo padre e hagiógrafo Jorge Cardoso revela o papel de Luís de Andrade – contemporâneo da Contrarreforma –, referindo que o pintor difundiu a temática das almas do Purgatório, auxiliando, desta forma, na proliferação do culto. Outrossim, acreditamos que as primeiras manifestações resultantes das diretrizes emanadas de Trento, pelo menos no que toca ao interior dos espaços religiosos, seriam obras de significativo valor artístico e de significante erudição, enquadrando-se num mesmo padrão compositivo.

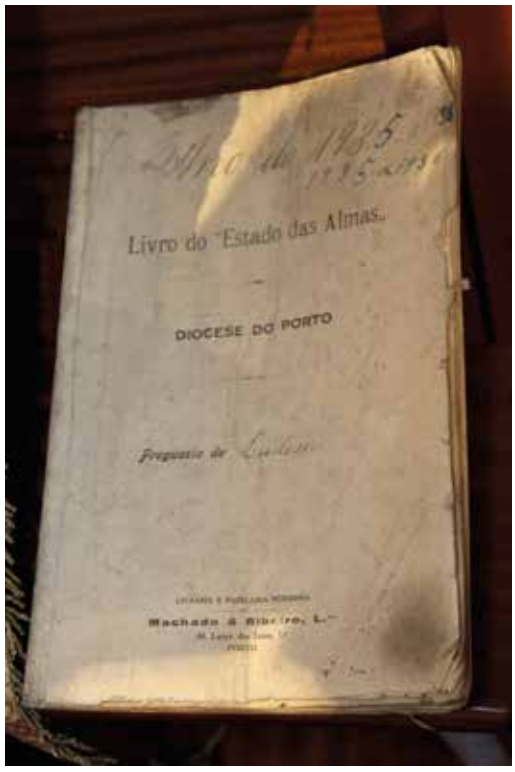

Figura 7 Igreja de Lustosa. Capa do *Livro do "Estado das Almas"*, livro de registo dos pagamentos efetuados pelos confrades da Confraria das Almas, Diocese do Porto (Vieira, 2020h).

Em Évora, na Igreja de Santo Antão, ainda existe uma tábua do Purgatório que data de finais do século XVI, sendo esta um exemplar que testemunha as primeiras difusões da representação do Purgatório em contexto pós-tridentino. O assunto ter-se-á difundido por todo o País, repetindo**,** no século XVII, os temas procedentes do século XVI, preservando as mesmas características no que diz respeito ao seu conteúdo (Lourenço, 2014, p. 118). Domingos de Pinho Brandão (1961, p. 14 citado por Rodrigues, 2010, p. 119) afirma existir uma obra, que acredita ser a primeira pintura portuguesa do Purgatório em quadro independente, pertencente à primeira metade do século XVI. Porém, não esclarece o local da obra quinhentista. Domingos de Pinho Brandão referir-se-á à pintura da Igreja de Santo Antão, em Évora?

Com foco realçado no Norte de Portugal, o interesse pelas almas do Purgatório ocasionou a sua grande popularidade no seio do campo artístico. Apelando a orações pelas almas, os devotos disseminavam os quadros do Purgatório por locais públicos, dando assim origem às alminhas, afirmando-se por toda a Península Ibérica, mas, também, por outros países mediterrânicos.

Para o historiador Philippe Ariès, o apego ao outro para além da morte transparece, nesta nova série de documentos – os retábulos –, uma nova forma de expressão tomada pela devoção às almas do Purgatório a partir do final do século XVII (Ariès, 1988, p. 196). Numa

Figura 8 Alminhas das Quintãs (Lodares, Lousada) (Vieira, 2020e).

mesma linha de reflexão, Carlos Alberto Ferreira de Almeida sublinha a preponderância que o culto e a devoção às almas teve em Portugal, especialmente entre os séculos XVII e XVIII (Almeida, 1979, p. 161). Segundo a historiografia contemporânea, entre os séculos XVII e XVIII, os hagiológios repetiram serialmente os horrores do fogo do Purgatório, bem como a importância das boas ações para retirar as almas dos tormentos (Lopes, 2015, p. 36).

Relativamente à sua origem, autores vários apontam para a época romana, aos altares dedicados aos *Lares Viales* e aos *Lares Compitales*. Nessa linha de interpretação, Vergílio Correia refere que estas estruturas são "descendentes diretas dos *Lares Viales* romanos" (Correia, 1937, p. 8). Da mesma opinião é o autor J. Mendes Rosa: "segundo as maiores probabilidades, as alminhas deverão filiar-se, em certa medida, nos *Lares Viales e Compitales* […], mormente nestes últimos, em culto praticado nas encruzilhadas, onde segundo a crença milenar e pluricultural, habitam os espíritos desassossegados" (Rosa, 2001, p. 11). Segundo Alarcão (1988 citado por Rosa, 2001, p. 11) os *Lares*, divindades protetoras, seriam muito provavelmente "divindades inominadas" da época romana, embora haja registo na Península Ibérica de *Lares* indígenas.

Flávio Gonçalves refuta esta teoria, referindo que de modo algum as alminhas podem ter tal origem e que não foram apenas os romanos que terão pedido auxílio a estes "génios do lugar". Entre eles estarão os gregos e os celtas da Lusitânia e da Galiza. Na interpretação do reputado historiador da arte portuguesa dos séculos XVII e XVIII, a Igreja terá feito de tudo para substituir estes monumentos pagãos nos caminhos e encruzilhadas: "[…]

dessa mesma substituição, operada lentamente, devem ter nascido as cruzes de madeira e os cruzeiros de pedra – e que em Portugal também aparecem muito antes das alminhas. O símbolo da fé de Cristo ficou a ocupar o lugar dos altares do paganismo" (Gonçalves, 1959, p. 74). Reforçando a mesma ideia, Flávio Gonçalves refere que "entre os altares romanos e o aparecimento dos nossos retábulos ao ar livre medeia um intervalo de mais de mil anos." (Gonçalves, 1959, pp. 74, 76).

Através de uma abordagem sintetizada e alicerçada, reunimos elementos que nos permitem defender que esta expressão devocional nem sempre respondeu a uma normativa eclesiástica . Por um lado, identificamos e reconhecemos uma enorme carga simbólica, constatada através dos rituais e práticas quotidianas associadas a este património. Por outro, as alminhas poderão não ser globalmente entendidas como um fenómeno unicamente religioso, dada a motivação para respetiva ereção e a falta de domínio e controlo destas mesmas práticas por parte da Igreja. A multiplicidade e diversidade deste edificado poderão revelar alguma liberdade no momento de encomenda e fabrico. De resto, não existiu propriamente uma norma para a produção destas estruturas, numa apropriação mais ou menos próxima do conceito original. Essa apropriação ter-se-á desvinculado com o passar dos séculos, verificando-se um afastamento paulatino das primeiras referências, funcionando como uma realidade edificada paralela à Igreja: "Monumentos às Almas ou Alminhas há-os de multíplices concepções e obedecem a díspares ditames de edificação. Os primitivos (coexistindo embora depois com plagiatos posteriores), reduziam-se a estruturas monolíticas, outras, mais chegadas ao nosso tempo, são autênticas ermidas à escala menor." (Rosa, 2001, p. 7).

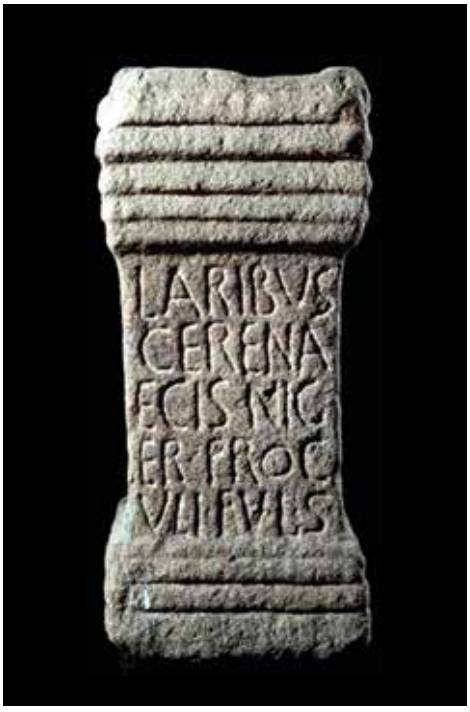

Figura 9 Ara dedicada aos *Lares Cerenaeci* (I d.C. – II d.C.) (São Salvador de Tuias, Marco de Canaveses). Espólio do Museu Nacional de Arqueologia (Matriznet, s.d.).

5. O inventário

O projeto de inventariação das alminhas e cruzeiros surge da vontade expressa da Câmara Municipal de Lousada em criar ferramentas de reconhecimento, registo e salvaguarda patrimonial deste edificado[1]. Deste modo, entre o dia 1 de outubro de 2018 e o dia 1 de março de 2019 decorreu o processo de investigação e inventariação do património arquitetónico vernacular religioso no concelho. Durante este processo, esteve envolvida a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, coadjuvando a orientação da inventariação desenvolvida.

5.1. Metodologia de inventariação

Numa primeira etapa, para o cumprimento do inventário, foram traçadas as seguintes ações:

a) Levantamento bibliográfico e de fontes sobre património local;
b) Identificação geográfica do património a inventariar e a registar;
c) Elaboração de um plano de visita e registo de património a inventariar;
d) Visita ao património no terreno e respetiva aplicação da metodologia de inventário;
e) Tratamento do material recolhido no terreno e respetivo cruzamento com informação já levantada na ação a).

A importância e necessidade da inventariação evidenciavam-se pelo estado de conservação que a grande maioria destas estruturas denunciava. Assim sendo, e com o desígnio de cumprir as referidas ações, foram delineados três grandes objetivos para a concretização do inventário:

1) Identificar património em risco de perda;
2) Iniciar um processo de inventariação que poderá e deverá ser ampliado;
3) Produzir ferramentas para a sensibilização, reflexão e educação patrimonial, que passam pela criação de roteiros, que, neste momento, estão em desenvolvimento, e de uma monografia dedicada a este património.

1 Nesta demanda de inventariação cabe-nos um profundo e reconhecido agradecimento a todas as juntas de freguesia. Em particular, à Junta de Freguesia de Cristelos, Boim e Ordem, em especial ao professor Eduardo Vilar e à Junta de Freguesia de Silvares, Pias, Nogueira e Alvarenga, mais concretamente ao Sr. Fausto Oliveira. A todos os que durante o trabalho de campo se cruzaram connosco, estamos muitos gratos pelos mais simples gestos de cooperação, pela abordagem simpática, encorajadora e pela valiosa revelação do sentimento de orgulho e pertença perante este património.

Para a prossecução deste trabalho apoiámo-nos num conjunto diversificado de fontes e bibliografia relacionado com a temática, assim como de outros exemplos de metodologia e boas práticas aplicadas à inventariação de património religioso.

Numa primeira fase, propôs-se um código que representasse uma leitura completa e irrepetível. Considerando a existência de uma ampla quantidade e possibilidade de registos de inventário no concelho de Lousada, propuseram-se dois códigos:

Exemplo 1: PTETR01.001
Exemplo 2: PTR-150501.001

No exemplo 1, o código diz respeito ao sistema de inventariação criado e coordenado por Nuno Resende, apresentado na obra *Um inventário em Construção. Lamego* (Resende, 2006a). Este código é composto pela identificação do país (PT), pela identificação da vigararia a que pertence, pela identificação da paróquia e pela identificação do imóvel, seguido da sequência do objeto (001). No que respeita às peças de um conjunto, manter-se-ia o número base para uma mesma tipologia de conjunto, acrescentando o número sequencial de cada um dos elementos, separado do número base pelo caracter "." (Resende, 2006b).

No exemplo 2, o código apresentado é da nossa autoria. Neste código propomos igualmente a identificação por esta ordem: identificação do país, identificação do distrito, identificação do concelho, identificação da freguesia, identificação relativa à freguesia (anterior à reorganização administrativa do território das freguesias de 2013[2]), identificação para o imóvel, seguido da sequência do objeto, continuando com a lógica do exemplo 1, em que se deverá manter o número base para as peças de conjuntos e acrescentar-se o número sequencial de cada elemento separado pelo caracter "/".

Para agilizar o acesso interno à informação de cada um dos elementos e dos dados relativos às estruturas inventariadas – neste caso, referimo-nos à Câmara Municipal de Lousada –, sugerimos a criação de uma sequência sistematizada das estruturas, um *CodIn* para cada um dos elementos patrimoniais identificados que apresenta uma leitura mais clara na cartografia, que poderá ser criada posteriormente e que facilitará, por certo, a dinâmica de acesso ao próprio inventário.

2 Uma vez que as estruturas inventariadas fazem parte, sobretudo, da vivência religiosa e paroquial, foi no quadro desta base, da malha eclesiástica, que se optou por trabalhar.

5.2. A ficha de inventário

O Município de Lousada detinha já um modelo de ficha de inventário para o património arquitetónico imóvel, conquanto apresentava-se desatualizada e não se aplicava às tipologias que nos propusemos inventariar. Deste modo, procedeu-se à alteração de alguns campos da ficha, sendo que alguns deles foram suprimidos. Para além de uma vasta análise a outros exemplos de fichas de inventário produzidas um pouco por todo País, o modelo proposto teve como referência o Kit de Património Arquitetónico Geral (KIT 01) disponibilizado, em linha, pela Direção-Geral do Património Cultural (Vieira e Lacerda, 2010).

município de lousada

MUNICÍPIO DE LOUSADA

Inventário do Património Religioso: alminhas e cruzeiros

NÚMERO DE INVENTÁRIO:	1 DE 1 PÁGINAS

TIPOLOGIA:	DESIGNAÇÃO:

CONCELHO	FREGUESIA	RUA	TOPÓNIMO
Lousada			
ACESSOS:			
COORDENADAS			ALTITUDE
CARTA MILITAR DE PORTUGAL:			
ESCALA:			

CRONOLOGIA GERAL:
CRONOLOGIA ESPECÍFICA:
OUTRAS DATAS:

PROTEÇÃO		
ESTATUTO	DATA	DECRETO-LEI

OBSERVAÇÕES	
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	
PROPRIEDADE	
OUTRAS	

DESCRIÇÃO	DATA:

FOTOGRAFIA(S)/MAPA(S)	DATA:

FOTOGRAFIAS / REGISTO DE IMAGEM			
N.º REGISTO	DATA	SUPORTE	RESPONSÁVEL

FICHAS ASSOCIADAS	NÚMERO DE FICHA

FOTOGRAFIA IDENTIFICATIVA	DATA:

FOTOGRAFIAS	DATA:

BIBLIOGRAFIA		
AUTOR/TÍTULO	ANO	LUGAR

LEVANTAMENTO DE REGISTO		
BIBLIOGRAFIA	SUPORTE	QUANTIDADE

INTERVENÇÕES			
DATA	TIPO DE INTERVENÇÃO	ENTIDADE RESPONSÁVEL	REGISTO DA INVENTARIAÇÃO

DATA DE PREENCHIMENTO DA FICHA	RESPONSÁVEL

ATUALIZAÇÕES DA FICHA		
DATA	ALTERAÇÕES	RESPONSÁVEL

Figura 10 Ficha de inventário do património religioso (alminhas e cruzeiros) do Gabinete de Património e Arqueologia do Município de Lousada (2019).

O registo foi ainda sistematizado numa base de dados composta pelos seguintes campos de informação: *CodIn* Património Religioso; N.º inventário; Tipologia estrutura; Tipologia (código); Georreferenciação – através de coordenadas em decimal (DD) e em graus (DMS); Rua; Topónimo (lugar); Código concelho; PID-ID freguesia; SID-CGN (Designação atual); Freguesia em 2004 (Designação); Longitude freguesia (CM; Latitude freguesia (CM); Invocações; Invocações (código); Altitude; Estado de Conservação; Estado de Conservação (código); Morfologia; Morfologia (código); Suporte; Suporte (código); Altura total do conjunto (cm); Largura das alminhas (ou do pedestal) (cm); Profundidade (cm); Painel (aplicável ou não aplicável) (código); Inscrições; Autor do painel + (data); Cronologias assinaladas; Cronologias assinaladas (código)[3].

6. Resultados

Sendo o processo de inventariação uma realidade em constante avanço, foram registados 72 cruzeiros, 64 alminhas, dez bases de cruzeiro e duas vias-sacras compostas, totalizando 148 estruturas inventariadas e perfazendo 148 fichas de inventário.

Confrontando a bibliografia local com o trabalho de campo realizado, foi possível constatar que nas freguesias de Aveleda, Covas, Boim, Sousela, Santa Margarida de Lousada e Santo Estevão de Barrosas se verificam vestígios de vias-sacras que outrora estariam ordenadas e completas.

Através da georreferenciação, foi possível apurar-se que grande parte das alminhas se situa, tendencialmente, perto de cursos de água, sendo estas, cumulativamente, as zonas mais povoadas do território.

Efetivamente, já atrás fizemos referência à importância que estas estruturas desempenharam junto a pontes e locais de passagem considerada difícil, que estabelecem, muitas vezes, a ligação entre o conhecido e o desconhecido, entre o visível e o imaginário: "A ponte é aliás o reflexo maior do combate entre o bem e o mal que os caminhos trazem e levam" (Resende, 2013, p.13).

É notável, nos exemplares mais recentes, uma busca pela uniformização estrutural, sobretudo nas cronologias mais avançadas, de caráter mais industrializado. A composição básica estrutural é praticamente transversal a todos os registos, apresentando cruz, nicho e um painel com tema iconográfico das alminhas entre o fogo do Purgatório, e exibindo uma composição formal mais ou menos elaborada. A realidade constatada a partir da inventaria-

3 Um agradecimento pelo contributo do Serviço de Infografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na pessoa do Dr. Miguel Nogueira, nos mapas, gráficos, tabelas, base de dados, e também pelo espírito de rigor e sentido crítico.

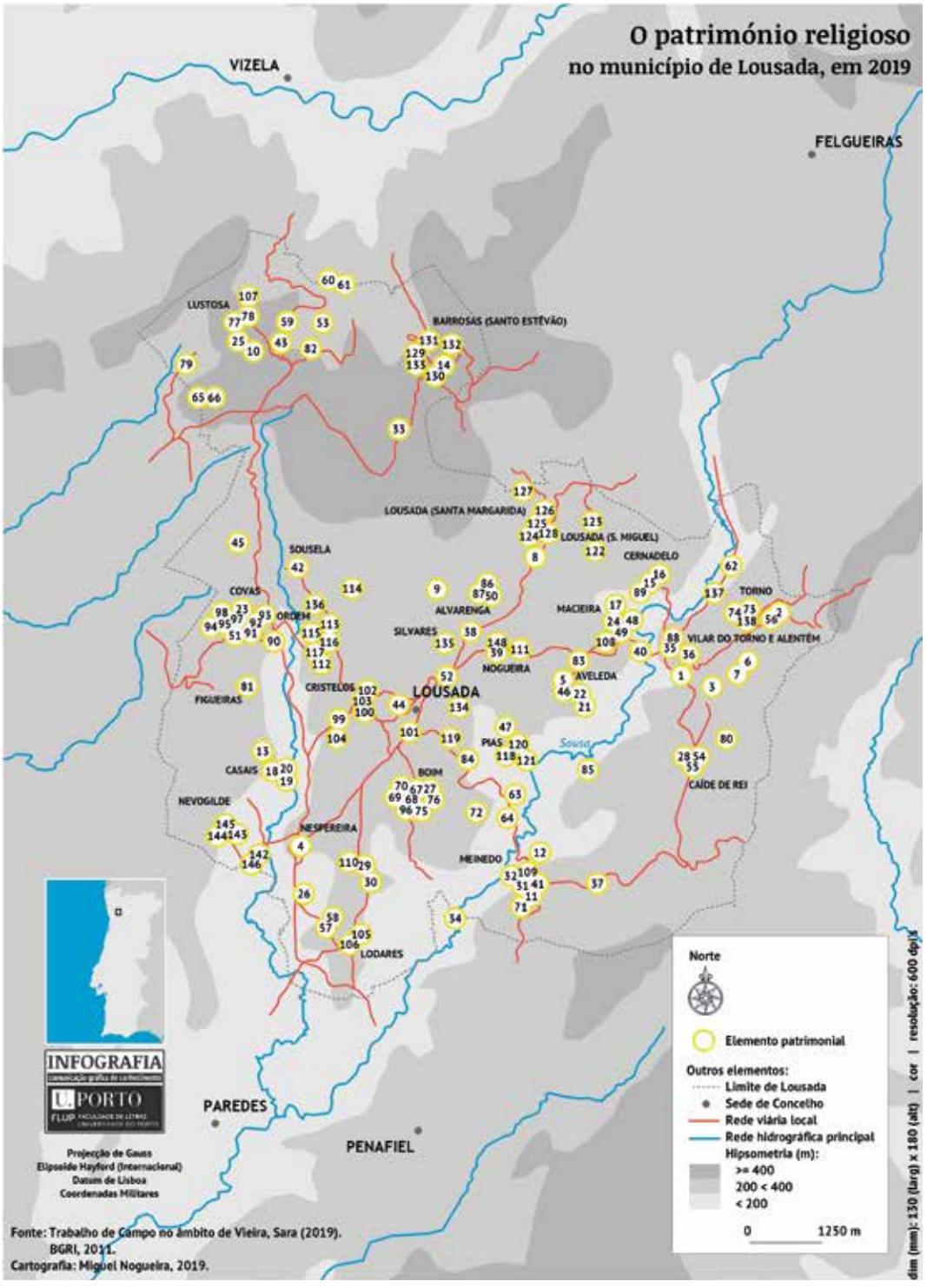

Figura 11 Distribuição das alminhas e cruzeiros no município de Lousada (Proposta de registo sistematizado com *CodIn*) (Nogueira, 2019a).

ção corrobora a teoria de que estas devoções, ao longo de todo o século XX, continuaram muito vivas junto da comunidade local e o processo produtivo industrializado originou uma linguagem mais invariável. Se, até ao século XIX, as composições flutuavam de forma heterógena, conforme constrangimentos materiais, devoções e crenças particulares ou locais, a partir dos finais do século XX começaram a produzir-se alminhas em oficinas de trabalho modular que à partida lhes retiraram as particularidades a que outrora responderam.

Relativamente às estruturas inventariadas datadas, assinalamos uma predominância cronológica situada entre os séculos XVII e XX, comprovando a prevalência deste tipo de devoções até aos nossos dias. No que diz respeito às alminhas, relativamente ao suporte exibido, verificou-se a predominância do azulejo, com o total inventariado de 47 elementos. Para além do suporte azulejar, registaram-se cinco painéis em madeira e quatro estruturas em que não foi possível apurar o suporte. Embora tenham sido registados apenas cinco painéis em madeira, devemos aqui expor a relação entre este suporte com as alminhas de cronologia mais recuada.

Através da Carta Administrativa Oficial de Portugal (CAOP), de 2012, sobre carta hipsométrica da área do concelho de Lousada, foi possível estabelecer relações entre a estrutura e a altitude onde cada um destes elementos foram erguidos. Tanto as alminhas como os cruzeiros estão dispostos tendencialmente em altitudes nunca superiores aos 400 metros. As estruturas que se implantam em altitudes mais elevadas dizem respeito ao norte do concelho, na freguesia de Lustosa e Santo Estevão de Barrosas, apresentando-se tendencialmente articuladas com zonas mais povoadas.

Relativamente aos temas registados, o tema iconográfico mais recorrente é o do Julgamento, em que as almas no fogo do Purgatório surgem na parte inferior da composição, ocupando lugar de equiparável destaque relativamente ao santo invocado. Através da leitura e interpretação iconográfica, identificámos figuras sobrepostas em vários planos, com expressões e gestos de súplica, tendencialmente dirigidos ao plano superior da composição, especificamente para o santo invocado a que se dedicam as alminhas. A análise iconológica permite-nos a interpretação de figuras de maior e menor destaque social entre as chamas do Purgatório, anunciando aos viandantes uma posição de igualdade perante o momento do Juízo Final.

De entre as invocações registadas, podemos verificar que a que mais se destaca é o tema de Nossa Senhora do Carmo sob as almas do Purgatório, com o resultado de 26 painéis inventariados, seguida pelo tema da Crucifixão, com 15 painéis, seguindo-se os temas de Nossa Senhora de Fátima e de Nossa Senhora da Conceição, com dois painéis. A amplitude com que o tema da Crucifixão está representado no território de Lousada poderá ser explanada através da leitura iconográfica e iconológica deste tema. Na grande maioria dos casos, a figura de Cristo remete para uma figura que suscita a piedade de quem vê, representa a redenção e a salvação de todo o pecador que assim o ambicione. Outrossim, a aparição de Cristo a São Gregório na igreja de Santa Cruz de Jerusalém (Réau, 2001, p. 53) terá vinculado uma relação iconográfica entre este tema e o tema da Crucifixão, a par do alívio das almas do Purgatório.

Outros temas surgem com menor predominância e traduzem-se, maioritariamente, numa tentativa de se manter erguida a estrutura, ainda que não cumprindo propriamente aquilo que podemos considerar como as boas orientações construtivas ou de restauro.

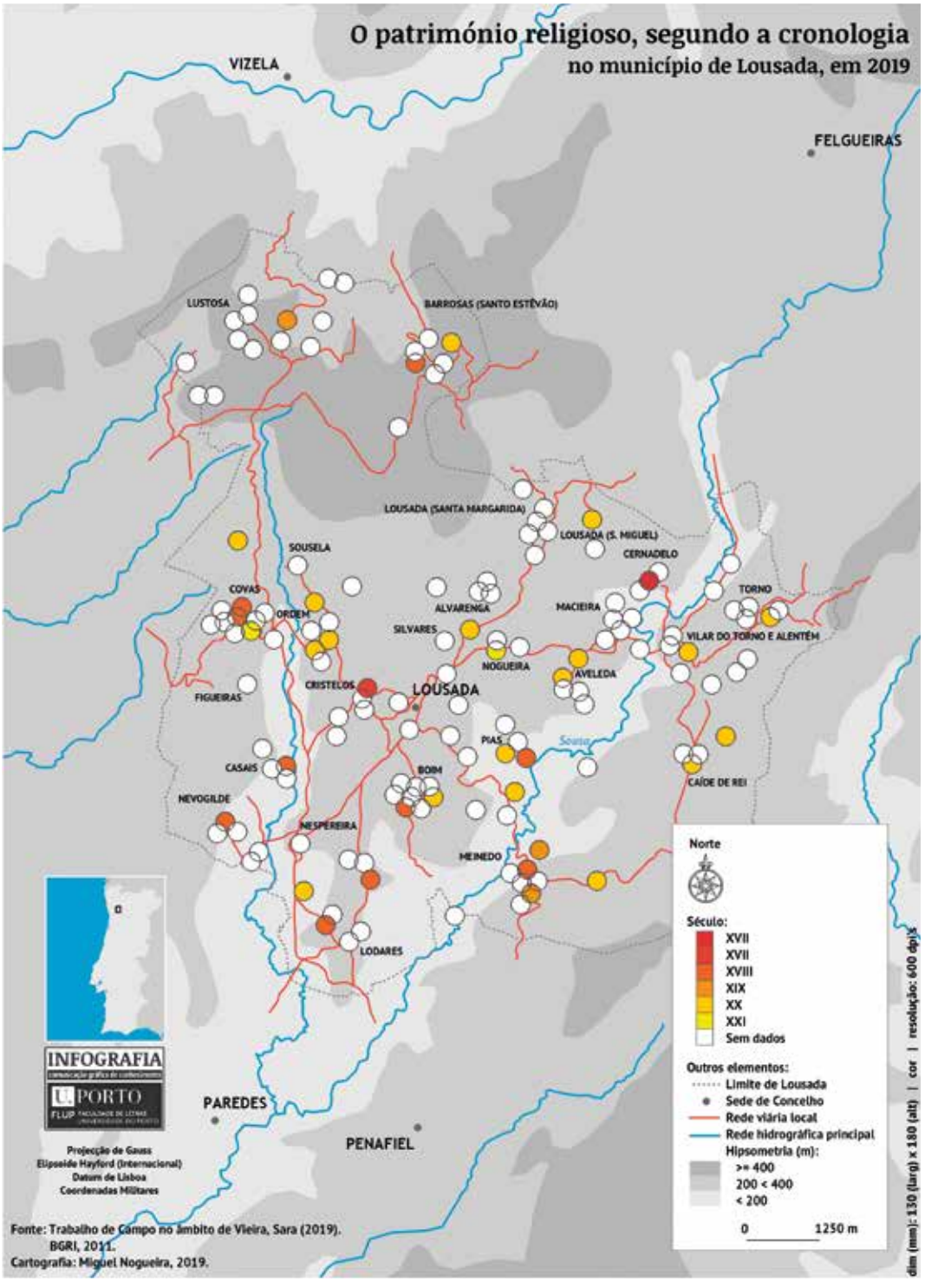

Figura 12 Distribuição das alminhas e cruzeiros segundo a cronologia (Nogueira, 2019b).

Para além da análise e das medições efetuadas a todas as alminhas e cruzeiros, foi apurada uma escala de conservação para todas as estruturas, entre "bom", "razoável", "mau" e "em ruína". Neste seguimento, constatou-se que o crescimento e desenvolvimento urbano

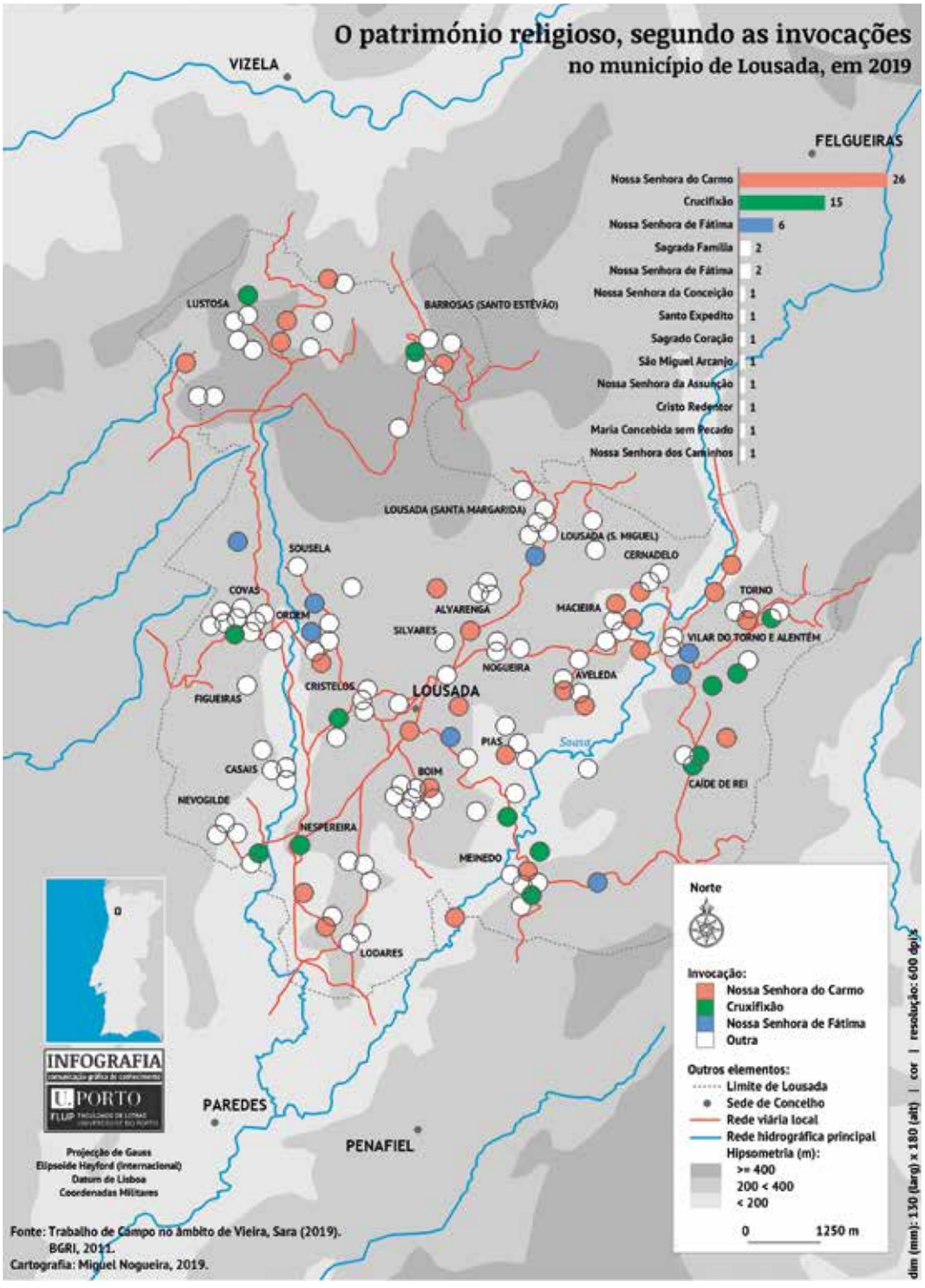

Figura 13 Distribuição das alminhas no município de Lousada segundo as invocações (Nogueira, 2019c).

dos últimos 50 anos terá motivado grande parte das deslocações, ameaças estruturais e desaparecimento de algumas estruturas.

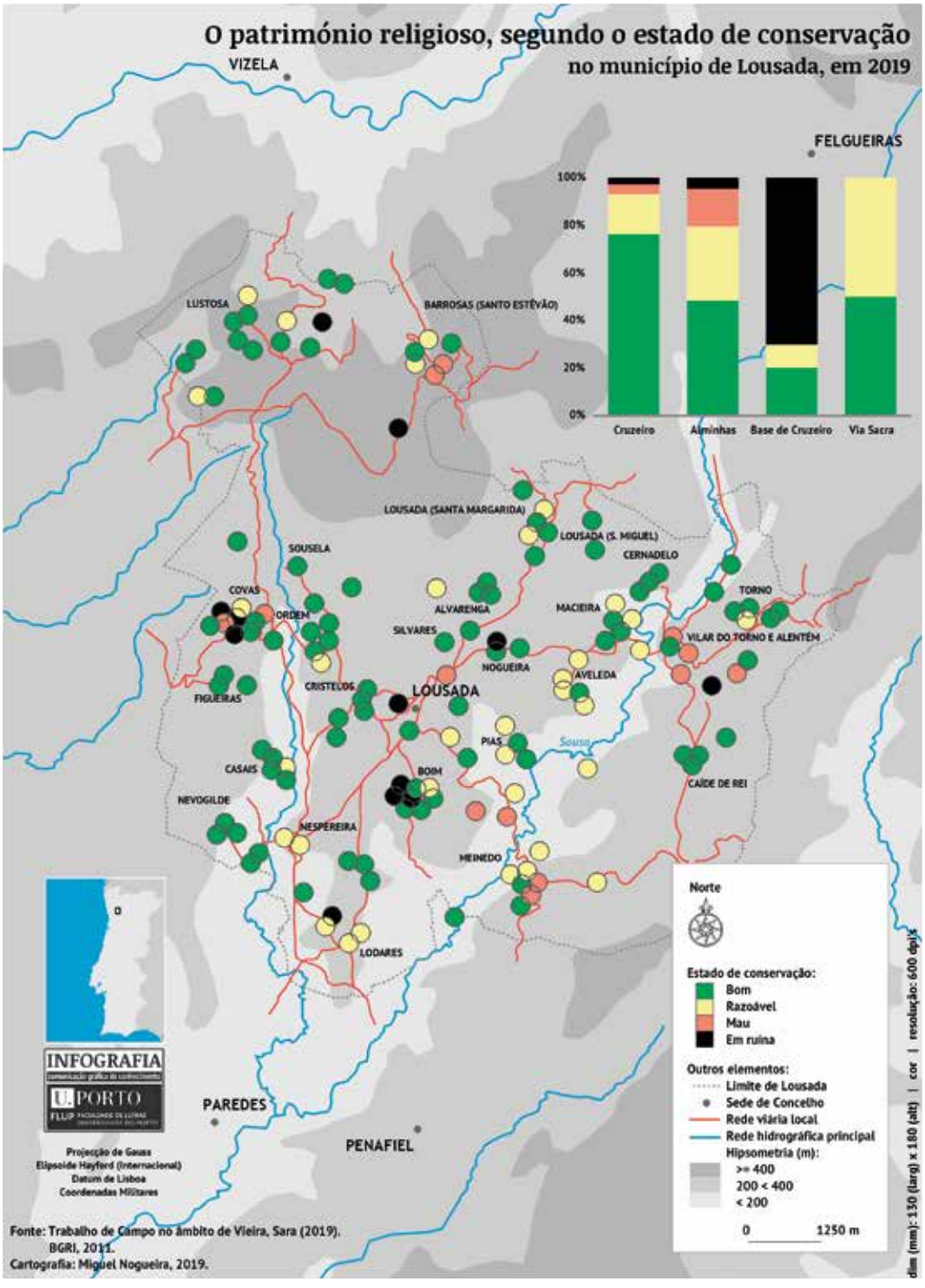

Figura 14 Distribuição do património inventariado no município de Lousada segundo o estado de conservação. (Nogueira, 2019d).

Neste campo, importa, desde logo, referir o caráter de simplificação das formas paralelamente ao avanço cronológico. Essa transformação é particularmente notável entre os anos 50 e os anos 60 do século XX, não só no que concerne à composição arquitetónica das alminhas, mas também, analogamente, à composição iconográfica. Sumamente, o tema do Purgatório vai perdendo destaque e, da mesma forma que se vão erguendo novas estruturas, vão-se adotando também novos temas, como a aparição de Nossa Senhora de Fátima, em formato composto ou individualizado. Os elementos estruturais, como a cruz em pedra a rematar o conjunto, um dos elementos de referência neste edificado, mas também de maior fragilidade, vai deixando paulatinamente o seu destaque, passando a estar incorporado no próprio resguardo que protege o nicho.

6.1. As alminhas e cruzeiros do Estado Novo

O número significativo de alminhas inventariadas nos anos 50 encetou a compreensão da conjuntura que terá levado a estes resultados. Como e porquê teriam estas estruturas se disseminado? Quais as motivações e objetivos? Quem estaria por detrás desta demanda?

Durante o Estado Novo imperou a trilogia Deus-Pátria-Família, que o Estado impôs para formatar e, de certa forma, conter as almas numa espécie de recuperação da ideologia absolutista, "sob um céu imóvel e sempre azul onde Deus velava pela tranquilidade universal e pelo bom andamento da sociedade portuguesa, tão fiel ao culto do Cristo sobre um altar caseiro, Chefe invisível do Universo, de que o Presidente do Conselho seria afinal o natural delegado terreno, e o Chefe da Família o seu representante também natural […]" (Medina, 1995, p. 17). Tal como em todas as ditaduras, a afirmação e consolidação da imagem nacionalista eram prioridade durante o Estado Novo. Através da fomentação e estímulo de características endógenas no território e de um universo simbólico propiciava-se, de certo modo, um sentimento de pertença por parte do povo português.

6.2. Francisco de Babo

Vários artigos do *Jornal de Louzada*, do mês de outubro, relativos ao ano de 1954, da autoria do padre Francisco de Babo, salientam precisamente a importância de "reconstruir" ou "erguer" novos nichos, com objetivo de restaurar a "sã e rica tradição portuguesa". O artigo abaixo ilustrado é um valioso espelho da realidade implantada um pouco por todo o País, à qual Lousada terá aderido ferverosamente.

Francisco de Babo, nascido em Real, a 23 de março de 1905, estudou no Seminário Diocesano do Porto, onde concluiu o curso de Filosofia e Teologia. Lecionou no Seminário de Leiria (1925-1926) e nas Missões de Tomar e Cernache do Bonjardim (1926-1929). A partir daí, foi professor no Colégio e Seminário de Ermesinde, cargo que acumulou como diretor

A Devoção das «Almas»

INDICE DE FÉ AUTÊNTICA

INFORMAÇÃO segura — ia a dizer oficial — garantiu-me que o artigo em «Novidades» de 23 de Janeiro p. p. inserto, sob a epígrafe *As «Alminhas», poética devoção da alma cristã portuguesa* teve êxito completo, alcançou o objectivo vislumbrado, de alargar a piedade prática para com as almas em penas de purificação.

Para que, de futuro, libertem a apóstola moderna da devoção às Almas, a Senhora D. Sara Cardoso — da Casa da Lage, em Fregim, concelho de Amarante, da pena real, que muito consola sua alma ardente, de atender inúmeros e repetidos pedidos de impressos cartões, sobrescritos e papel para carta, aqui deixo a informação de que qualquer os pode procurar na «*Tipografia Fonseca, 74, da Rua da Picaria, da cidade do Porto*. Poupemos, o mais que pudermos, a vista fatigada da ilustre e benemérita Senhora que já tem tanto que fazer, sem ter de escolher e distribuir os papeis impressos e estampados, que naquela casa comercial católica podem ser requisitados fàcilmente.

O interesse pelo artigo manifestado está patente nos pedidos, que de vários pontos do país estão chovendo, de painéis para os nichos, de impressos, mealheiros, etc.

Quanto a painéis, revelo, com aprazimento de milhares, indubitàvelmente, que aquele que a devota Senhora traz mais a peito presentemente é o do recinto na Cova da Iria.

Já pelo Ministro das Obras Públicas foi encarregado o Director da Urbanização de Leiria de escolher o local e, merecendo a aprovação do ministro, dar-se-á início ao monumentozinho do nicho no Coração religioso de Portugal, na terra sagrada de Fátima. Será a expensas da apaixonada apóstola da obra, o que a deixará inibida de interessar-se financeiramente por muitos mais.

Mas o movimento não para e extravasa das fronteiras metropolitanas das terras de Santa Maria. Alastra por terras do Império. Seguiu já um, muito lindo, policromado, com Nossa Senhora de Fátima em cima e, em baixo, as benditas Almas, para Bissau, na Guiné.

Para a pátria irmã, ou melhor, filha do génio e da fé lusíada, para a capital do Brasil, foi remetido outro para nicho que português diligenceia lá erigir.

Mas por cá o movimento não estagna. No concelho do Marco de Canaveses, na freguesia de Santa Eulália de Constance, na freguesia de Carvalhosa, perto da Livração novos se erigiram, à beira de caminhos e estradas. Quem vai à feira, para a missa dominical, para o comboio ou caminheta, ali deixa seu testemunho de devoção concretizado em moedas que se convertem em sufrágio sacrifical.

Em Vila Real de Trás-os-Montes foram restaurados quatro nichos, tendo sido da rota liberalidade da boa Senhora amarantina a contribuição dos painéis.

Também no Porto vai colocar-se um na freguesia citadina do Carvalhido e outro no grande cemitério urbano de Agramonte.

A propósito: que ideia magnífica a de promover a erecção destes nichos à entrada, ou em sítio bem visível e acessível nos cemitérios das freguesias rurais, mas mormente das vilas e cidades, destacando especialíssimamente as grandes de Lisboa, Porto, Coimbra, Setúbal, Braga, Évora...

Aos milhares de fiéis que neles entram seriam despertadores da Fé e pregadores do dogma da vida eterna e do purgatório temporário para além da vida presente.

Quantos contributos de piedade pelas Almas não seriam ali depositados e, ao cabo, quantos milhares de missas não seriam celebradas com as esmolas ou óbulos caridosos de tantos. Lucro para os vivos, sufrágio para os finados. Se os párocos, comissárias das Almas [illegible] de párocos e Câmaras Municipais se resolverem, que fogo se não poderá acender, que incêndio se não virá a atear.

Ainda que susceptibilize a modéstia da piedosa apóstola, creio que dou uma informação de alcance jornalístico por ser em primeira mão e ao mesmo tempo de satisfação para os admiradores da fervente e bondosa senhora. Há três anos já que a missa da Comunhão geral na Cova da Iria, no dia treze de cada mês, é oferecida pelas benditas Almas e em especial pelas das obrigações dos peregrinos. O estipêndio desta missa vem sendo oferecido por D. Sara Cardoso.

Quer ela assim colocar-se porque aquele lugar de privilégio para os vivos o seja também para os mortos.

Pretenta a apóstola das Almas o anseio de que os peregrinos, sem prejuízo de outras intenções íntimas, se unam a esta.

Sabemos da consolação extravasante que sente quando lhe chegam os mealheiros de barro, adrede confeccionados para colocar em casas particulares, estabelecimentos, etc., cheios com moedas, muitas de prata, no valor de 50, 100, 200 e até trezentos escudos. Só um nicho de Amarante tem rendido para oitenta e sete missas anuais. Ajudemos a alastrar o fogo e assim iremos esvaziando o Purgatório, grangeando advogados e amigos no Céu e assegurando sufrágios para o dia da nossa purificação final.

Francisco de Babo

Figura 15 "A Devoção das Almas – índice de fé autêntica", artigo de Francisco de Babo no *Jornal de Louzada* (Babo, 1954a, p. 4).

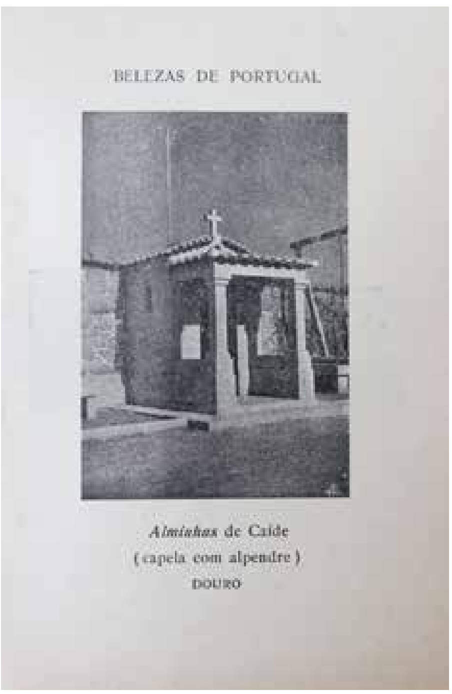

Figura 16 Alminhas de Caíde (Babo, 1954b, p. 73).

religioso do Colégio de Nova Sintra, no Porto, e ainda colaborou na imprensa (*Novidades*, *O Comércio do Porto*, *A Voz*, *Diário da Manhã*, *Diário do Minho*, *A Voz do Pastor*, *A Ordem*, *Flor do Tâmega*, *Lúmen*, *Flama*, *Horizonte*, *Magnificat*, etc.) (Queiroz, 2011).

Numa carta escrita pelo Padre Francisco de Babo, a 20 de janeiro de 1955, remetida pelo Colégio de Ermesinde, e tendo como destinatário o Excelentíssimo Senhor Comandante Sarmento Rodrigues, Ministro do Ultramar, o padre descrevia e a apresentava precisamente a campanha pró-alminhas, pedindo-lhe para "apadrinhar" a iniciativa (Babo, 1955), bem como o livrinho que escreveu, com o título *Alminhas – Padrões de Portugal Cristão*, o qual teve várias edições.

6.3. Sara Cardoso

Prima do pintor Amadeu de Souza-Cardoso, Sara Cardoso foi uma importante figura no que toca ao estudo e disseminação do devocionário poético popular. Sara Cardoso, devota entusiasta das alminhas, destacou-se não só como uma impulsionadora, mas também como restauradora e criadora de muitas das estrofes associadas a este edificado. Na abertura do *Devocionário Poético Popular*, presente no livro do padre Francisco de Babo, o autor faz uma abertura ao tema com uma pequena nota dedicada a Sara Cardoso:

> "[…] da autoria da Exma. Senhora D. Sara Cardoso, apóstola fremente das Almas, restauradora e impulsionadora apaixonada da restauração (restauro) e multiplicação dos nichos das Alminhas por todo o território de Portugal, com réplica já no território do Brasil, de formosa tradição portuguesa, acrescido de valiosas estrofes da autoria do grande poeta católico e nacional, António Correia de Oliveira, cuja inspiração brota pujante de secular nascente lírica portuguesa." (Babo, 1954b, p. 91).

Na obra de 1957, com o título *Alminhas Portuguesas*, Francisco de Babo dedica um capítulo ao irmão do pintor Amadeu de Souza-Cardoso, António José de Sousa Cardoso, que é identificado como um criador amador de desenhos para alminhas: "Desenhos do Amador – Irmão do falecido e hoje tão glorificado pintor Amadeu de Sousa Cardoso, feitos a pedido de sua prima D. Sara Cardoso, a grande apóstola da cruzada." (Babo, 1957, p. 158).

Segundo José Fernando Magalhães, Sara Cardoso terá também desenvolvido a letra para o hino *Alminhas da Nossa Terra*, com música do padre Alberto Soares. Este hino seria usado durante as festividades da inauguração destes "nichos", defendidos neste cântico popular religioso, por Sara Cardoso, como criações "originalmente portuguesas." (Magalhães, 2017).

Figura 17 Alminhas da Boucinha (Meinedo, Lousada). Pormenor superior do resguardo com data da inauguração assinalada – 1954 (Vieira, 2020b).

Figura 18 Alminhas da Boucinha (Meinedo, Lousada). Pormenor superior com nome da encomendadora – D. Delfina M. (Vieira, 2020c).

6.4. Francisco Moreira das Neves

Natural de Paredes, Monsenhor Dom Francisco Moreira das Neves nasceu a 18 de novembro de 1906. Foi um padre católico, escritor, jornalista e poeta português que levou a cabo uma campanha de erguer "cruzeiros dos centenários" como símbolo patriótico, celebrando e impulsionando as comemorações do Duplo Centenário – da Fundação (1140) e da Restauração de Portugal (1640). O sentido patriótico do padre Francisco de Babo com as alminhas é similar ao apelo com que Francisco Moreira das Neves estimula para que se ergam cruzeiros e se restaurem os pré-existentes: "Uma cruz basta para dizer, na História, quem é Portugal" (Silva, 2009, p. 55).

Num artigo para o *Jornal Novidades*, originalmente um jornal monárquico e católico, que toma o alinhamento político do Estado Novo, Francisco das Neves apela a que as freguesias participem desta onda patriótica, despertando o conceito de nação: "Precisamos de avivar e alargar o conceito de Portugal-Império, destruindo definitivamente a mentira anti-nacional de Portugal, país pequeno. […] Não se exigem complexas formalidades burocráticas nem sacrifícios materiais incomportáveis. As freguesias que o possam e queiram fazer levantarão, no local mais conveniente da terra […]" (Neves, 1940, p. 2). Mais adiante, o autor esclarece como devem ser colocadas as estruturas, assinalando a importância da legenda com objetivo de recordar "às gerações seguintes a celebração do duplo centenário".

O discurso de Moreira das Neves segue a linha patriótica do panorama histórico político em que se insere, e consegue facilmente angariar seguidores por todo o território: "Para o Monsenhor Moreira das Neves os cruzeiros são artigos de Credo e gritos da Pátria traduzidos em pedra. Parece, que têm raízes e seivas, como as árvores. / Na verdade, a adesão à campanha do Cruzeiro alargou a participação e o envolvimento da população em geral […]" (Silva, 2009, p. 57). Importante é ainda referir que, nos casos de impossibilidade em se erguerem cruzeiros, recomendava-se a adaptação da estrutura, atribuindo-lhe, desta forma, os novos ditames da exaltação nacional.

Figura 19 Cruzeiro paroquial de Nossa Senhora do Rosário (Aveleda, Lousada) (posteriormente adaptado a Cruzeiro dos Centenários) (Vieira, 2020g).

Outrossim, pela associação que é feita àquelas virtudes, o Estado Novo procurou sublinhar valores simbólicos através dos monumentos, com uma necessidade patente de afirmação política e propagação dos valores e da moral cristã em que se apoiava.

7. Epílogo

Mais do que uma nota conclusiva, servimo-nos deste período final para apresentar alguns resultados concretos sobre o processo de investigação e inventariação. O tema do património religioso vernacular tem sido pouco tratado pela historiografia, desmerecendo a significativa ligação destes "documentos" com o território. Assim, consideramos que foi essencial o perfil interventivo adotado, confrontando as fontes com o trabalho de campo desenvolvido, permitindo alcançar algumas respostas, aclarando alguns resultados e apresentando novas questões.

Desta forma, recusámos o papel passivo e dedutivo, contribuindo para a valorização e preservação deste legado.

A riqueza espelhada na presença de padrões, quer a nível de cronologias, quer a nível das técnicas e do traço adotado, leva-nos a crer, por certo, na existência de pontos de contacto entre alguns dos autores destas estruturas. Neste sentido, acreditamos que, num estudo ulterior, será passível alcançarem-se algumas conclusões no que diz respeito a centros de produção locais ou regionais.

Igualmente importante será destacar o registo da atividade em torno da exaltação sensorial provocada pelas velas, pelo brilho refletido dos azulejos, pelo movimento e rituais processionais ainda patentes em torno das alminhas ou dos cruzeiros. É certo que, outrora, teriam uma proporção e um impacto superior no quotidiano e nas vivências da comunidade. Contudo, neste edificado subsiste uma ligação próxima e ancestral, que ultrapassa, muitas das vezes, o contexto devocional. Permanece o cuidado ritualizado pelo zelador, a visualidade e o revestir de movimentos e de gestualidade, prevalecendo perante a secundarização que estas estruturas sofreram com o passar dos anos.

Ainda que não haja junto da comunidade um conhecimento aprofundado sobre a génese deste edificado, é inegável a curiosidade e a procura de proximidade espelhada na comunidade local perante a presença do patrimonólogo. Outrossim, de um modo geral, reflete-se a apreensão e a dúvida sobre a proteção e o futuro deste património.

Assim, o estudo e inventariação desenvolvidos pretenderam criar ferramentas de salvaguarda efetiva e chamar a atenção para a forma como o património religioso vernacular tem sido vencido pelo avanço de uma anunciada modernização e atualização da rede estrutural viária. Este tipo de ações tem vindo a colocar em causa, de forma subversiva, a preservação de práticas e registos muito expressivos da cultura local e nacional.

CodIn PatrimRelig	Tipologia	Freguesia	Topónimo	Longitude	Latitude	Altitude	Estado de conservação	Morfologia
1	Alminhas	Vilar do Torno e Alentém	Alentém	192142	479168	221	Mau	Granito
2	Cruzeiro	Torno	Alto do Fogo	193825	480227	334	Bom	Granito
3	Alminhas	Vilar do Torno e Alentém	Alves	192682	478968	264	Ruína	Granito
4	Alminhas	Nespereira	Apeadeiro	185528	476202	216	Razoável	Granito
5	Cruzeiro	Aveleda	Aveleda	190114	478989	219	Razoável	Granito
6	Cruzeiro	Vilar do Torno e Alentém	Barral	193305	479410	273	Bom	Granito
7	Alminhas	Vilar do Torno e Alentém	Barroca Funda	193117	479183	261	Mau	Granito
8	Alminhas	Lousada (Santa Margarida)	Boavista	189607	481223	252	Bom	Granito
9	Alminhas	Silvares	Bouça	187899	480664	340	Razoável	Granito
10	Cruzeiro	Lustosa	Bouça Cova	184704	484798	459	Bom	Granito
11	Alminhas	Meinedo	Caibral	189520	475378	226	Mau	Granito
12	Alminhas	Meinedo	Cales	189689	476086	183	Razoável	Granito
13	Via-sacra	Casais	Calvário	184865	477850	239	Bom	Granito
14	Alminhas	Barrosas (Santo Estêvão)	Carmo	187955	484477	393	Mau	Granito
15	Cruzeiro	Cernadelo	Carreira	191597	480775	225	Bom	Granito
16	Cruzeiro	Cernadelo	Carreira	191752	480888	235	Bom	Granito
17	Alminhas	Macieira	Casa Nova	191006	480393	199	Razoável	Granito
18	Cruzeiro	Casais	Casais	185042	477530	214	Bom	Granito
19	Cruzeiro	Casais	Casais	185289	477426	196	Bom	Granito
20	Cruzeiro	Casais	Casais	185271	477467	197	Razoável	Granito
21	Alminhas	Aveleda	Casal	190465	478625	217	Razoável	Argamassa
22	Cruzeiro	Aveleda	Casal	190383	478846	218	Bom	Granito
23	Cruzeiro	Covas	Casas Novas	184450	480208	330	Razoável	Granito
24	Cruzeiro	Macieira	Cavadinha	191048	480000	222	Bom	Alumínio
25	Cruzeiro	Lustosa	Cemitério	184444	484974	424	Bom	Granito
26	Alminhas	Nespereira	Corredoura	185586	475372	184	Bom	Granito
27	Alminhas	Boim	Cruzeiro	187738	477080	253	Razoável	Granito
28	Cruzeiro	Caíde de Rei	Cruzeiro	192229	477703	255	Bom	Granito
29	Cruzeiro	Nespereira	Cruzeiro	186638	475860	216	Bom	Granito
30	Cruzeiro	Nespereira	Cruzeiro	186747	475574	227	Bom	Granito
31	Alminhas	Meinedo	Cruzeiro	189416	475570	208	Bom	Mármore
32	Cruzeiro	Meinedo	Cruzeiro	189395	475597	209	Razoável	Granito
33	Cruzeiro	Lustosa	Ermida	187236	483445	504	Ruína	Granito
34	Alminhas	Meinedo	Espindo	188217	474943	175	Bom	Granito
35	Alminhas	Vilar do Torno e Alentém	Formigal	191959	479659	216	Bom	Granito
36	Alminhas	Vilar do Torno e Alentém	Formigal	192278	479532	252	Mau	Granito
37	Alminhas	Meinedo	Foz	190687	475549	248	Razoável	Granito
38	Alminhas	Nogueira	Guindes	188477	479923	280	Bom	Granito

CodIn PatrimRelig	Tipologia	Freguesia	Topónimo	Longitude	Latitude	Altitude	Estado de conservação	Morfologia
39	Cruzeiro	Nogueira	Guindes	188944	479610	261	Bom	Granito
40	Alminhas	Macieira	Igreja	191432	479582	306	Razoável	Granito
41	Alminhas	Meinedo	Igreja	189564	475523	281	Mau	Argamassa
42	Alminhas	Sousela	Lama Grande	185478	481045	233	Bom	Granito e inox
43	Alminhas	Lustosa	Leirós	185188	484948	412	Bom	Granito
44	Base de cruzeiro	Cristelos	Loreto	187235	478656	314	Ruína	Granito
45	Alminhas	Sousela	Moreira	184440	481473	354	Bom	Granito
46	Alminhas	Aveleda	Mourinho	190158	478965	220	Razoável	Argamassa
47	Cruzeiro	Pias	Oitava	189091	478269	222	Razoável	Granito
48	Alminhas	Macieira	Outeiro	191297	480122	200	Razoável	Granito
49	Cruzeiro	Macieira	Outeiro	191048	480000	210	Bom	Granito
50	Cruzeiro	Alvarenga	Paço	188761	480659	287	Bom	Granito
51	Alminhas	Covas	Paço	184389	479858	267	Ruína	Granito
52	Alminhas	Silvares	Paço	188070	479152	257	Mau	Granito
53	Cruzeiro	Lustosa	Pereira	185914	485292	359	Ruína	Granito
54	Alminhas	Caíde de Rei	Pereiras	192405	477691	256	Bom	Granito
55	Alminhas	Caíde de Rei	Pereiras	192346	477650	255	Bom	Granito
56	Alminhas	Torno	Portela	193725	480161	317	Bom	Granito
57	Alminhas	Lodares	Quintãs	185978	474793	262	Razoável	Granito
58	Alminhas	Lodares	Quintãs	186015	475462	193	Ruína	Granito
59	Alminhas	Lustosa	Relógio	185295	485309	413	Razoável	Granito
60	Alminhas	Lustosa	Requeixos	186155	486025	321	Bom	Granito
61	Base de cruzeiro	Lustosa	Requeixos	186155	486038	310	Bom	Granito
62	Alminhas	Torno	Rio	193014	481069	198	Bom	Granito
63	Alminhas	Meinedo	Romariz	189258	477096	175	Razoável	Granito
64	Alminhas	Meinedo	Romariz	189123	476691	180	Mau	Granito
65	Base de cruzeiro	Lustosa	São Gonçalo	183825	483992	471	Bom	Granito
66	Base de cruzeiro	Lustosa	São Gonçalo	183825	483992	471	Razoável	Granito
67	Cruzeiro	Boim	São Vicente	187450	477067	237	Bom	Granito
68	Base de cruzeiro	Boim	São Vicente	187427	477061	237	Ruína	Granito
69	Base de cruzeiro	Boim	São Vicente	187434	477055	236	Ruína	Granito
70	Base de cruzeiro	Boim	São Vicente	187424	477087	235	Ruína	Granito
71	Cruzeiro	Meinedo	Sanguinha	189358	475139	242	Bom	Granito
72	Cruzeiro	Meinedo	Santa Ana	188583	476785	252	Mau	Granito
73	Cruzeiro	Torno	São Fins	193298	480203	273	Bom	Granito
74	Cruzeiro	Torno	São Fins	193218	480146	280	Bom	Granito
75	Cruzeiro	Boim	São Jorge	187630	476808	276	Bom	Granito
76	Cruzeiro	Boim	São Jorge	187744	477065	253	Bom	Granito
77	Alminhas	Lustosa	São Roque	184456	485314	428	Bom	Granito
78	Cruzeiro	Lustosa	São Roque	184486	485332	420	Bom	Granito
79	Alminhas	Lustosa	Sequeirô	183541	484575	383	Bom	Argamassa
80	Alminhas	Caíde de Rei	Sobreira	192931	478063	255	Bom	Argamassa
81	Cruzeiro	Figueiras	Sol	184706	479090	246	Bom	Granito

CodIn PatrimRelig	Tipologia	Freguesia	Topónimo	Longitude	Latitude	Altitude	Estado de conservação	Morfologia
82	Cruzeiro	Lustosa	Talhos	185704	484842	377	Bom	Granito
83	Cruzeiro	Macieira	Talhos	175869	500609	218	Razoável	Granito
84	Cruzeiro	Pias	Vila Nova	188433	477713	231	Bom	Granito
85	Alminhas	Aveleda	Vilela	190521	477526	188	Razoável	Granito
86	Cruzeiro	Alvarenga	Bairro	188779	480721	289	Bom	Granito
87	Cruzeiro	Alvarenga	Igreja	188653	480594	301	Bom	Granito
88	Alminhas	Cernadelo	Soutelo	192005	479819	206	Mau	Granito
89	Alminhas	Cernadelo	Ribeira/Tecas	191430	480605	208	Bom	Granito
90	Alminhas	Covas	Costa	185063	479756	228	Bom	Granito
91	Cruzeiro	Covas	Igreja	184676	479944	250	Bom	Granito
92	Cruzeiro	Covas	Igreja	184772	480104	285	Bom	Granito
93	Cruzeiro	Covas	Nossa Senhora do Alívio	184816	480149	284	Mau	Granito
94	Cruzeiro	Covas	Nossa Senhora do Amparo	184216	480112	354	Bom	Granito
95	Cruzeiro	Covas	Nossa Senhora do Amparo	184340	480167	354	Mau	Granito
96	Cruzeiro	Covas	Nossa Senhora do Amparo	187470	477021	354	Bom	Granito
97	Base de cruzeiro	Covas	Nossa Senhora do Amparo	184322	480172	354	Ruína	Granito
98	Base de cruzeiro	Covas	Nossa Senhora do Amparo	184322	480172	354	Ruína	Granito
99	Alminhas	Cristelos	Almas	186194	478402	243	Bom	Argamassa
100	Alminhas	Cristelos	Ramadinha	186637	478570	257	Bom	Argamassa
101	Alminhas	Cristelos	Arcas	187424	478184	289	Bom	Argamassa
102	Cruzeiro	Cristelos	Igreja	186634	478768	274	Bom	Granito
103	Cruzeiro	Cristelos	Igreja	186623	478743	274	Bom	Granito
104	Cruzeiro	Cristelos	Aldeia	186155	478071	217	Bom	Granito
105	Cruzeiro	Lodares	Igreja	186514	474584	256	Razoável	Granito
106	Via-sacra	Lodares	Igreja	186413	474544	241	Razoável	Granito
107	Alminhas	Lustosa	Carcavelos	184620	485754	387	Razoável	Granito
108	Cruzeiro	Macieira	Igreja	190833	479749	218	Bom	Argamassa
109	Alminhas	Meinedo	Apeadeiro	189463	475652	207	Razoável	Argamassa
110	Cruzeiro	Nespereira	Igreja	186365	475923	216	Bom	Granito
111	Cruzeiro	Nogueira	Igreja	189341	479618	277	Bom	Granito
112	Alminhas	Ordem	Real	185857	479440	222	Razoável	Granito
113	Alminhas	Ordem	Outeiro	185979	479941	239	Bom	Granito
114	Alminhas	Ordem	Ranhó	186422	480680	298	Bom	Granito
115	Alminhas	Ordem	Devesa	185849	479892	229	Bom	Granito
116	Cruzeiro	Ordem	Fundões	185958	479833	242	Bom	Granito

CodIn PatrimRelig	Tipologia	Freguesia	Topónimo	Longitude	Latitude	Altitude	Estado de conservação	Morfologia
117	Cruzeiro	Ordem	Igreja	185810	479534	232	Bom	Granito
118	Alminhas	Pias	Igreja	189239	477801	205	Razoável	Granito
119	Alminhas	Pias	Eidos Novos	188134	478078	260	Razoável	Granito
120	Cruzeiro	Pias	Cruzeiro	189269	477854	200	Bom	Granito
121	Cruzeiro	Pias	Cruzeiro	189302	477760	207	Bom	Granito
122	Cruzeiro	Lousada (S. Miguel)	Falcão	190650	481330	270	Bom	Granito
123	Cruzeiro	Lousada (S. Miguel)	Portela	190601	481838	278	Bom	Granito
124	Cruzeiro	Lousada (Santa Margarida)	Assento	189645	481644	270	Razoável	Granito
125	Cruzeiro	Lousada (Santa Margarida)	Devesa	189689	481746	269	Bom	Granito
126	Cruzeiro	Lousada (Santa Margarida)	Costa	189770	482031	304	Razoável	Granito
127	Cruzeiro	Lousada (Santa Margarida)	Santo Amaro	189398	482364	363	Bom	Granito
128	Cruzeiro	Lousada (Santa Margarida)	Cemitério	189734	481670	260	Bom	Granito
129	Alminhas	Barrosas (Santo Estêvão)	Igreja	187531	484695	427	Bom	Granito
130	Alminhas	Barrosas (Santo Estêvão)	Almas	187912	484431	401	Mau	Granito
131	Cruzeiro	Barrosas (Santo Estêvão)	Além	187757	484989	341	Razoável	Granito
132	Cruzeiro	Barrosas (Santo Estêvão)	Casal	188153	484917	423	Bom	Granito
133	Cruzeiro	Barrosas (Santo Estêvão)	Padrão	187526	484689	430	Razoável	Granito
134	Alminhas	Silvares	Boavista	188281	478614	265	Bom	Granito
135	Alminhas	Silvares	Igreja	188035	479728	288	Bom	Granito
136	Alminhas	Sousela	Quintã	185777	480396	232	Bom	Argamassa
137	Alminhas	Torno	Poldras	192721	480598	198	Bom	Granito
138	Alminhas	Torno	São Fins	193285	480149	281	Razoável	Granito
139	Alminhas	Casais	Cerca	192142	479168	219	Bom	Argamassa
140	Cruzeiro	Figueiras	Igreja	193825	480227	261	Bom	Granito
141	Cruzeiro	Figueiras	Igreja	192682	478968	261	Bom	Granito
142	Alminhas	Nevogilde	Nossa Senhora da Ajuda	185528	476202	192	Bom	Granito
143	Cruzeiro	Nevogilde	Monte	190114	478989	226	Bom	Granito
144	Cruzeiro	Nevogilde	Monte	193305	479410	229	Bom	Granito
145	Cruzeiro	Nevogilde	Monte	193117	479183	225	Bom	Granito
146	Cruzeiro	Nevogilde	Nossa Senhora da Ajuda	189607	481223	192	Bom	Granito
147	Cruzeiro	Nevogilde	Lagoas	187899	480664	187	Razoável	Granito
148	Base de cruzeiro	Vilar do Torno e Alentém	Guindes	184704	484798	260	Ruína	Granito

Referências bibliográficas

Almeida, C. A. F., 1979. O Culto a Nossa Senhora, no Porto, na Época Moderna. Perspectiva antropológica. *Revista de História*, II, 159-173.

Ariès, P. (1988). *O Homem perante a Morte*. Sintra: Publicações Europa-América.

Babo, F., 1954a. A Devoção das "Almas": Índice de Fé Autêntica. *Jornal de Louzada*. 9 de outubro, p. 4.

Babo, F., 1954b. *Alminhas – Padrões de Portugal Cristão*. 2.ª edição. Porto: M. Pereira Lopes.

Babo, F., 1955. *Carta ao Ilustre Ministro do Ultramar*. Ermesinde: Colégio de Ermesinde – Quinta da Formiga.

Babo, F., 1957. *Alminhas Portuguesas*. Porto: Escola Tipográfica do Colégio dos Órfãos.

Coelho, H., 2020a. *Alminhas das Cales (Meinedo, Lousada). Representação tridimensional*. [ilustração] (Lousada: Gabinete de Arqueologia e Património da Câmara Municipal de Lousada).

Coelho, H., 2020b. *Cruzeiro da Oitava (Pias, Lousada). Representação tridimensional*. [ilustração] (Lousada: Gabinete de Arqueologia e Património da Câmara Municipal de Lousada).

Goff, J. L., 1995. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Editorial Estampa.

Gonçalves, F., 1959. Os Painéis do Purgatório e as Origens da "Alminhas" Populares. *Separata de Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, 6, pp. 71-107.

Houaiss, A. e Salles, M., 2002. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – Tomo I*. Rio de Janeiro: Círculo de Leitores.

Lopes, M. I., 2015. *Por minha alma – Raízes históricas do culto das Almas do Purgatório em Portugal (séculos XVII e XVIII)*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Lourenço, N., 2014. *A vida e obra do historiador Flávio Gonçalves [1929-1987]: Estudos Breves*. Lisboa: Universidade Aberta.

Machado, J. P., 1981. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa – com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*. Lisboa: Livros Horizonte.

Magalhães, J. F., 2017. Uma Carta do Porto – Por José Fernando Magalhães (187). *A Viagem dos Argonautas*. [blogue] 22 de junho. Acessível em: <https://aviagemdosargonautas.net/2017/06/22/uma-carta-do-porto-por-jose-magalhaes-187/> [Consult. 2 de abril de 2020].

MatrizNet – Direção-Geral do Património Cultural, [s.d.]. *Ara aos Lares Cerenaeci*. [fotografia digital] Acessível em: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=118158> [Consult. 14 de abril de 2020].

Medina, J., 1995. O Estado Novo. In: João Medina, 1995. *História de Portugal: dos tempos pré-históricos aos nossos dias: volume XII*. Amadora: Clube Internacional do Livro.

Neves, F. M., 1940. *Jornal Novidades – Primeiro Prémio do Concurso de Artigos Sobre as Comemorações de 1940 Publicados na Imprensa Portuguesa*. Paredes: Câmara Municipal de Paredes.

Nogueira, M., 2019a. *O património religioso no município de Lousada, em 2019*. [cartografia] (Infografia, Comunicação Gráfica de Conhecimento, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

Nogueira, M., 2019b. *O património religioso, segundo a cronologia no município de Lousada, em 2019*. [cartografia] (Infografia, Comunicação Gráfica de Conhecimento, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

Nogueira, M., 2019c. *O património religioso, segundo as invocações no município de Lousada, em 2019*. [cartografia] (Infografia, Comunicação Gráfica de Conhecimento, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

Nogueira, M., 2019d. *O património religioso, segundo o estado de conservação no município de Lousada, em 2019*. [cartografia] (Infografia, Comunicação Gráfica de Conhecimento, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

Queiroz, A. J., 2011. *Rua Padre Francisco de Babo*. [em linha] Acessível em: <https://vila-mea.webnode.pt/products/rua-padre-francisco-de-babo/> [Consult. 13 de abril de 2020].

Réau, L. (2001). *Iconografía del arte cristiano – Iconografía de los santos*, d*e la G a la O*. Barcelona: Ediciones del Serbal.

Resende, N., 2006a. *Lamego – Um inventário em construção.* Lamego: Diocese de Lamego.

Resende, N. coord., 2006b. *O Compasso da Terra: a arte enquanto caminho para Deus – Volume II: Tarouca.* Lamego: Diocese de Lamego.

Resende, N., 2013. Todos os caminhos vão dar a Roma?. In: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», *III Encontro CITCEM | Paisagem – (I)Materialidade*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Fundação Eça de Queiroz, Baião, 21-24 de novembro de 2013. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Rodrigues, O. M., 2010. *As alminhas em Portugal e a devolução da Memória. Estudo, Recuperação e Conservação.* Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Rosa, J. M., 2001. *Alminhas – Monumentos votivos e cultuais cristãos de inspiração gentílica: Achegas para um estudo*. Fundão: Grafisete.

Silva, F. J., 1945. *Dicionário da Língua Portuguesa, Ortoépico, Ortográfico, Etimológico e Arcaico.* Porto: Livraria Simões Lopes.

Silva, J. H. e Calado, M., 2005. *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença. p. 336.

Silva, M. A., 2009. *Cruzeiro da Independência: Testemunho Histórico e Religioso*. Paredes: Câmara Municipal de Paredes.

Torres, J., 2020. Ó vós que ides passando (Inventário das alminhas do concelho do Sabugal). *Sabucale – Revista Anual do Museu do Sabugal*, 11, p. 9.

Ventura, J., 2004. *Montemuro – Alminhas dos Caminhos.* Montemuro: Jorge Ventura.

Vieira, J. e Lacerda, M., 2010. *KITS – PATRIMÓNIO | KIT01: Património Arquitectónico – Geral.* [em linha] Lisboa: IHRU, IGESPAR. Acessível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimonio_imovel/inventario/kit01.pdf> [Consult. 9 de abril de 2020].

Vieira, S., 2020a. *Alminhas da Boucinha (Meinedo, Lousada).* [fotografia] (Lousada: Gabinete de Arqueologia e Património da Câmara Municipal de Lousada).

Vieira, S., 2020b. *Alminhas da Boucinha (Meinedo, Lousada). Pormenor superior do resguardo com data da inauguração assinalada – 1954*. [fotografia] (Lousada: Gabinete de Arqueologia e Património da Câmara Municipal de Lousada).

Vieira, S., 2020c. *Alminhas da Boucinha (Meinedo, Lousada). Pormenor superior com nome da encomendadora – D. Delfina M.* [fotografia] (Lousada: Gabinete de Arqueologia e Património da Câmara Municipal de Lousada).

Vieira, S., 2020d. *Alminhas das Cales (Meinedo, Lousada).* [fotografia] (Lousada: Gabinete de Arqueologia e Património da Câmara Municipal de Lousada).

Vieira, S., 2020e. *Alminhas das Quintãs (Lodares, Lousada).* [fotografia] (Lousada: Gabinete de Arqueologia e Património da Câmara Municipal de Lousada).

Vieira, S., 2020f. *Cruzeiro da Oitava (Pias, Lousada).* [fotografia] (Lousada: Gabinete de Arqueologia e Património da Câmara Municipal de Lousada).

Vieira, S., 2020g. *Cruzeiro paroquial de Nossa Senhora do Rosário (Aveleda, Lousada) (posteriormente adaptado a Cruzeiro dos Centenários).* [fotografia] (Lousada: Gabinete de Arqueologia e Património da Câmara Municipal de Lousada).

Vieira, S., 2020h. *Igreja de Lustosa. Capa do* Livro do "Estado das Almas"*, livro de registo dos pagamentos efetuados pelos confrades da Confraria das Almas, Diocese do Porto*. [fotografia] (Lousada: Gabinete de Arqueologia e Património da Câmara Municipal de Lousada).

Vieira, S., 2020i. *Igreja de Lustosa. Retábulo das almas (pormenor) (Lustosa, Lousada).* [fotografia] (Lousada: Gabinete de Arqueologia e Património da Câmara Municipal de Lousada).